



DUHAN-CASTIL

O Tomo de Kradór

Rafael Alves

Um pouco do cenário.

Duhan-Castil é uma grande montanha que fica a oeste do continente e faz divisa com o grande mar Saguágua. Antigamente era habitada por criaturas malignas que vez ou outra saiam de seus covis e desciam para atormentar os vilarejos próximos. Isso acabou quando o rei anão Brandór viajou até lá e tomou a montanha, eliminando a maioria dessas criaturas em uma longa guerra. Um grande reino foi fundando desde então e só aí ela recebeu esse nome, que na língua anã significa “tomado pela força”. Obviamente muitas criaturas fugiram para os recantos mais profundos da montanha, locais conhecidos como “A fenda”. Essas criaturas têm aparecidos com mais frequência nos limites do rei Brandór, causando grande preocupação nos anões. Mas, afastando as sombras, Duhan-Castil é vasta e bela contendo diversos salões e galerias do tamanho bairros e cidades. Cada galeria possui um proposito como a Engenharia, que produz estudos de tudo que é criado na montanha. A Adega, uma cidade boêmia onde são fabricadas cervejas e outras bebidas autenticas dos anões. Rocha Sólida, o centro da fé anã. Ou as Forjas, onde é produzido o arsenal dessa raça. Duhan-Castil um mundo sob as rochas. Um escudo que defende as regiões vizinhas, uma utopia da natureza.

(Conheça mais sobre Duhan-Castil no blog moostache.com.br)

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.”

Alvo Dumbledore , Harry Potter e as Relíquias da Morte.

Prólogo

Escrevo para registros futuros tudo que houve em nossa empreitada nos confins da montanha. **Embora não tenhamos adentrado nem um por cento do que é considerado como “A Fenda”**, pudemos perceber que Duhan-Castil é como um iceberg. Há um mundo inteiro abaixo das fronteiras que demarcam o reino de Brandór, tanto no sentido geográfico quanto em mistérios. Eu vi coisas que meu coração não quer acreditar e minha mente não consegue esquecer.

Dias atrás o sacerdote Lurír, um dos mais respeitados da galeria Rocha Sólida, me procurou. Ele tinha alguns pergaminhos e tomos em seus braços e falava de forma rápida, num tom urgente. Precisava de meus serviços. Eu já sou um clérigo formado e com alguns anos de experiência. Mas minha longa jornada como um noviço me ensinou a respeitar e obedecer com humildade, mesmo não sendo minha obrigação.

Eu segui o velho anão até seus aposentos. Era uma toca de um único cômodo mais um minúsculo banheiro. Muitos outros papiros estavam espalhados por ali, em cima da mesa, em sua cama e até no chão. Lurír parecia estar pesquisando algo a dias.

- Há algo lá em baixo, Jovem Mòrid. – Ele continuava com urgência na voz.

- Sacerdote Lurír. Com todo respeito, eu sou um anão nascido em Duhan-Castil. Conheço as histórias sobre a Fenda. E como o senhor sabe, antes de me converter aos caminhos de Kradór, eu era um Cadete, um guerreiro. Sei sobre os perigos abaixo da Montanha.

- Sim, meu jovem. E é por isso que escolhi você. Precisa adentrar a Fenda.

Eu não temo o perigo. E agora, como seguidor de um grande deus, temo menos ainda. Mas não era medo que me induziu a questionar de imediato aquela ordem.

- Senhor, adentrar a Fenda é proibido por decreto real.

- Não mais. Não para você. – Ele pega um pequeno pergaminho em meio aos montes que estava **em sua mesa e me entrega. Nele um selo real em tom de carmim estampava a letra “B”. Olhei** para o velho com uma expressão de confusão e ele me devolveu um sorriso amarelo. Quebrei o selo e li o conteúdo do pergaminho. Era uma autorização assinada pelo próprio Barba Sangrenta, Brandór, Rei de Duhan-Castil. Ela concedia livre acesso para Mòrid e quem mais estivesse com ele, para adentrar a Fenda.

- Tudo bem... – Eu disse pausadamente. – E o que quer que eu faça lá, senhor Lurír?

O sacerdote revirou mais pergaminhos e anotações em sua mesa, até encontrar um papiro com o desenho de um livro. Ele parecia ser grande e tinha uma bela capa com presilhas de ferro. Pelo menos, era o que o desenho apresentava.

- Com certeza, se o encontrar, ele estará em um estado mais crítico afinal foi perdido há séculos na guerra da tomada da montanha. Não terá a bela aparência desse desenho e estará muito frágil. Cuidado ao manuseá-lo.

- E que livro é esse? Qual o seu nome e do que se trata?

- É um tomo sagrado de Kradór. Uma espécie de grimório, porém, com orações e magia divina. Rocha Sólida precisa desse livro para os dias que virão.

Ele disse a última frase com um olhar vazio, como se estivesse em outro lugar. Depois de uma pausa dramática, ele continuou:

- Esse tomo foi perdido na guerra pela tomada de Duhan-Castil e será de grande ajuda caso o encontrarmos.

- Tudo bem senhor. Aprontarei minhas coisas e partirei de imediato. Com sua licença.

- Espere Mòrid. Você não irá sozinho.

Admito que senti um alívio ao ouvir aquilo.

- Partirá depois de amanhã. É o tempo necessário para seu reforço chegar. Até lá, aproveite.

Dizendo aquilo, Lurír virou-se novamente para a bagunça de sua toca e voltou a revirar os livros e

pergaminhos que ali estavam. Eu passei pela porta e caminhei por um extenso corredor que dava para o grande salão de Kradór. Chegando lá visualizei a grande estatua do deus da rocha.

“Seja feita a vossa vontade...”.

Nos meus aposentos, um pouco distante do grande salão, eu arrumava minhas coisas para a missão. Uma grande mochila com cordas, pederneira, tochas e outras ferramentas de praxe para um aventureiro. Como um clérigo, eu não havia saído muito da galeria Rocha Sólida. Foram poucas viagens a curto prazo e com objetivos pacíficos. Mas como Cadete eu tinha uma boa experiência em missões como aquela. Eu me sentia bem por isso.

Acabei rápido meus afazeres antes do meio dia e resolvi tirar a tarde de folga para **“aproveitar”**, como aconselhou o velho sacerdote. Fui para a Adega, a galeria boêmia de Duhan.

Antes de terminar minha subida até o topo da montanha, passei pela galeria da Engenharia. Do parapeito da escada eu pude ver lá em baixo as grandes engrenagens e fornalhas incandescentes. Os anões ali corriam de um lado para o outro, sempre com pranchetas na mão, fazendo anotações. Eu não fui agraciado com a inteligência, mas admiro quem tenha sido.

Aqueles meus irmãos de raça faziam nosso reino funcionar de verdade. Desde água encanada até os projetos de grandes estruturas que existem em Duhan-Castil. Tudo passando pela aprovação dos engenheiros.

Continuei minha subida e enfim cheguei na Adega.

Da entrada da galeria eu podia contemplar ao fundo grandes compartimentos de bebidas e os **galpões chamados de “Cozinha”, onde os mestres cervejeiros trabalhavam dia e noite produzindo** aquele líquido importante. Mas meu foco era logo na entrada, uma grande cidadela conhecida **como “Caneca Grande”. Composta inteiramente por tabernas e bordeis era o ponto turístico do** reino. Ali não se via apenas anões, mas gente de todas as raças. Perambulando, bebendo e comprando tudo que era produzido.

Eu gostava daquele clima embora soubesse que não frequentaria mais os bordéis, “outros tempos”, pensei.

Caminhei em direção ao meu estabelecimento favorito, Caneca Lascada era seu nome e ele não era uma grande edificação. Apenas um espaço coberto numa esquina, com um balcão de madeira rústica do lado de fora. Eu gostava dali pois podia ver todo o movimento do lugar. Me sentei e pedi uma cerveja escura, sendo servido rapidamente por uma jovem anã de cabelos pretos. A caneca suave escorrendo gotículas que formavam um anel em sua base. A espuma era dourada e consistente com um forte aroma de café. Tomei toda a cerveja de uma vez enquanto a atendente, vendo aquilo, já enchia uma nova caneca para me servir.

A segunda caneca eu tomei devagar e apreciando mais seu sabor, essa não era escura, mas tinha um sabor marcante também. Virei de costas para o balcão e de frente para a viela. Muitas pessoas passavam por ali, a maioria turistas como homens e elfos. A galeria adega era uma das poucas de Duhan-Castil onde se via outras raças.

Do outro lado, em outro estabelecimento similar ao Caneca Lascada um grupo de anões bebiam e falavam alto. Eram estrangeiros, percebi pelo sotaque. Eles riam e contavam histórias de empreitadas passadas. Vi no momento em que uma halfling de cabelos ruivos e pele muito pálida se aproximou sorrateiramente e furtou de forma sutil a bolsa de moedas de um deles. Meu senso de justiça quis agir rápido e delatar a ladina. Mas antes que eu pudesse engolir a cerveja que estava em minha boca ela já havia desaparecido entre a multidão. Entendendo que aquilo era comum na galeria da Adega, voltei-me para minha caneca e procurei ficar mais atento com meu dinheiro.

- Jovem Mòrid, está com um olhar perdido. O que passa por essa cabeça?

A voz viera de dentro e era de Lenona, a dona do Caneca Lascada. Ela era uma anã forte e de aparência marcante. Possuía uma fina pelagem em seu queixo, característico de anãs

experientes.

Assim como eu, Lenona trilhou um novo caminho. Ela pertencia a linha de frente das guerreiras **do clã Matriarcado do Martelo, mas resolveu se aposentar e montar sua “venda”**.

- Não é nada. – Respondi com um sorriso e dei outro longo gole na cerveja. – Excelente essa aqui. – Disse erguendo a caneca.

- É do mestre Brunir. Uma ipa tradicional. As laranjas usadas na receita são do vilarejo de Thamir.

- Está explicado.

- Pelo visto não vai me contar nada né? Sabe, embora eu seja a dona de uma taberna, não sou **boa com “papo de balcão” como os outros** taberneiros daqui então, se quer conversar enquanto bebe, vá para a taberna do Fariazar.

Eu conhecia Lenona desde que eu era um cadete e ela do matriarcado. Sempre teve um jeito rude e sem paciência. Mas ela uma boa pessoa.

- Você é a melhor, Lenona. Por isso sou seu fiel cliente. Mas nada passa em minha cabeça agora senão a vontade de tomar mais uma caneca da cerveja do mestre Brunir.

Nós sorrimos sabendo que muitas coisas passavam por nossas cabeças

No dia seguinte me levantei sem nenhuma ressaca, embora tenha tomado pelo menos 2 barris de cerveja sozinho. **“Brunir é mesmo um mestre na arte da cerveja”, pensei. Mesmo assim meu** corpo estava cansado e resolvi não sair dos meus aposentos até a hora do almoço. Na verdade, não sai nem mesmo da cama. Tirei o dia para refletir e fazer orações para Kradór em completo jejum.

No outro dia bem cedo eu fui até a toca de Lurír, bati na porta e escutei sua voz mandando entrar. Empurrei a porta e entrei e a primeira visão que tive foi da halfling ladra que eu vi no dia anterior. Ela estava sentada perto da mesa do sacerdote e fazia manobras com um canivete. Com meu instinto sagaz e ágil, saquei minha maça.

-Pare onde está, ladina! – Ordenei.

Eu estava vestindo minha armadura e segurava meu escudo na outra mão. Era uma ordem intimidadora. Porém ela me ignorou completamente, continuando suas brincadeiras com arma.

A porta do banheiro se abriu e o sacerdote Lurír saiu de lá.

-Vejo que já se conheceram.

- Sim. – Disse com certa irritação. - Ela é uma ladra. Vi em ação ontem na galeria Adega.

- Ora... não sabia que um clérigo como você frequentava tal lugar. – O sacerdote disse enquanto ajeitava sua batina no corpo e caminhava pelo aposento.

- Fui visitar uma velha amiga. Nada de mais. – Disse enquanto fitava a halfling.

- É o que todos que vão lá dizem. – Ele riu. – Não estou te julgando rapaz. Também gosto da cerveja do mestre Brunir. Enfim, Mòrid, está é Lins, uma especialista em armadilhas.

Ele disse apontando para a ladra. Ela balançou a cabeça me cumprimentando.

– Lins, esse é Mòrid, um ex-cadete e agora clérigo de Kradór.

Apontou para mim e eu acenei com a cabeça da mesma forma.

- O outro reforço ainda não chegou e talvez não chegue, pessoas de seu clã não são muito de cumprir horários. Mas enfim, se já estiverem prontos aconselho que partam agora. No meio do caminho vocês se entrosam. Creio que Mòrid já conhece a direção.

Dizendo isso, Lurír me entregou o pergaminho com o desenho do tomo. Eu o visualizei novamente e o guardei.

O sacerdote tinha pressa de nos colocar para fora de seu aposento. Mal pude questionar o fato **de ter que viajar com uma ladina. Já havia feito missões com esse tipo de “profissional” e elas nunca acabavam bem.**

De um jeito ou de outro não tenho escolha. Abri a porta e esperei que Lins passasse. Ela caminhou e atravessou o arco sem olhar para mim, parecendo que sentia meu descontentamento.

Despedi de Lurír com um aceno de mão e sai. A halfling já estava há alguns metros à frente e precisei apertar o passo para alcança-la. Quando consegui, tentei puxar assunto para quebrar o gelo daquela primeira impressão.

- Então, Lins. Especialistas em armadilhas. Como acha que isso será útil em nossa missão?

- Armadilhas naturais. O velho não completou a informação. Sou especialista em armadilhas naturais.

Ela falou num tom entediado, quase aborrecido.

- Interessante. E como conseguiu tal experiência?

Novamente ela me ignorou e eu percebi que era melhor deixar a conversa para depois.

Passamos por várias galerias e atraímos bastante olhares desconfiados. Em algumas mudanças de nível, guardas nos barravam e questionavam nossa passagem. Principalmente por eu estar equipado com armadura e por ter ao meu lado uma pessoa que não era de nossa raça. Quando mostrava o documento real, liberando acesso para eu e minha acompanhante, eles saíam do caminho, mas continuavam com os olhares duvidosos.

Lins andava tranquilamente ao meu lado e não dissera nenhuma palavra. Quando eu tomei um caminho diferente do habitual ela enfim me questionou:

- Não é esse o caminho.

- Sim, é esse.

- Não é. O caminho para a fenda passa pela galeria da Mina, que fica mais ao centro da montanha. Nós estamos indo no sentido sul.

- Sim, e é esse o caminho que vamos fazer. Não vamos pela entrada através da Mina. Lá é mais **perigoso e tem muitos “olhos”**. **Precisamos passar despercebidos**. Não se preocupe, eu conheço bem o caminho por aqui.

A halfling me olhou desconfiada, mas me seguiu. Tirou do bolso um cachimbo e amassou algumas ervas dentro do forninho. Antes de ascender já subia um aroma maravilhoso o qual nunca havia sentido antes.

- Pelo cheiro, não são ervas daqui, não é mesmo?

- Não.

Ela ascendeu e o aroma ficou ainda melhor. Deu algumas cachimbadas soltando fumaça em anéis pelo ar.

- Quer um pouco?

Ela finalmente disse algo sem ser perguntada.

- Adoraria. – Respondi prontamente. Eu apreciava um bom fumo e aquele parecia extremamente delicioso.

Peguei meu próprio cachimbo e a entreguei para que ela colocasse a erva. Depois de tudo

pronto, acendi, e confirmei meu palpite. Era o melhor que eu já tinha fumado. Ela viu minha cara de satisfação e tentou sem sucesso segurar um sorriso. Aquele foi o primeiro contato social tranquilo que tivemos.

- Conte-me de onde veio. – Ensaiei novamente uma conversa.

- Vim de Ortolíria.

- O complexo de tocas? - Perguntei assustado.

-Sim. Por que o espanto?

- O desabamento a alguns anos. Mais da metade da cidade foi soterrada. Pouquíssimos sobreviventes.

- Sim, eu estava lá.

Nosso assunto foi interrompido quando chegamos a uma parte do caminho onde a alvenaria ficou muito mais rustica que os níveis superiores. O corredor se estreitou e o teto era mais baixo, dando uma sensação de esmagamento. Ali dois guardas vestindo armaduras de couro escuro estavam guardando uma porta de ferro. Uma única tocha acesa acima do umbral fazia a iluminação.

- Parem. – Um deles disse quando nos viu aproximar. – Onde pensam que estão indo?

- Venho em paz, irmão. E trago uma autorização real para passar por essa porta.

- Essa pequenina é sua prisioneira? Veio traze-la para as celas?

- Não. Ela está comigo. – Disse enquanto jogava o pequeno pergaminho com o selo já quebrado em direção ao guarda. Ele o agarrou no ar.

Leu rapidamente e depois passou para seu companheiro. Este demorou um pouco mais para ler e em seguida me devolveu. O primeiro abriu a porta de ferro com bastante dificuldade enquanto as dobradiças rangiam. Quando começamos a caminhar e a tocha iluminou melhor minha face, o segundo guarda me reconheceu.

- Pela minha barba... Môrid! É você?

Olhei bem para ele e também o reconheci. Era Tonur, um velho amigo da época em que servimos aos Cadetes.

- Tonur, você engordou bastante. – Disse sorrindo.

Depois de nos cumprimentarmos devidamente, ele me contou que também abandonara a ordem dos Cadetes e agora servia como guarda daquela região de Duhan-Castil. **“Trabalho bem menos”, disse ele gargalhando.**

- Mas e você, velho amigo, virou um monge? Hahahaha!

- Um clérigo. E sim, sigo os caminhos da fé. Descobri a grandeza de Kradór.

- Entendo. Pois bem, não vou mais atrasar a viagem de vocês, embora não faça ideia de para onde um anão e uma halfling possa estar indo, senão para a prisão de Duhan. Você sabe que não há mais nada além disso aí para baixo né?

Eu ensaiei uma desculpa para omitir nosso destino, mas antes que começasse a falar, Tonur completou sua frase.

- Mas, nesse posto eu aprendi a não fazer perguntas para quem passa por essa porta de ferro. Nada de bom entra ou sai daqui. Vão em paz, onde quer que estejam indo.

Eu apenas concordei com a cabeça, agradecendo mentalmente aquele bom senso do meu velho amigo. Logo que passamos a porta se fechou e escutamos o barulho da fechadura sendo trancada do outro lado.

Senti meu coração apertar com uma estranha incerteza. Como anão, andar debaixo da terra é natural para mim. Porém, aquele lugar fugia totalmente da grandeza de Duhan-Castil.

A alvenaria já quase não existia, a pedra era lascada de forma rudimentar e sempre escorria água das paredes para o chão. A umidade era constante assim como os sons de gotículas pingando incessantemente. Algumas tochas com fogo baixo deixavam o local em penumbra, eu podia ver perfeitamente, mas as sombras que elas projetavam me assustavam hora ou outra. Olhei para Lins e ela estava serena como se estivesse andando em um jardim florido.

- Então... – tentei puxar assunto para mudar o clima daquela caminhada na penumbra. – Ortolíria, quer dizer que esteve lá. Como conseguiu sair?

- Não com a ajuda dos anões, pode ter certeza.

Ela respondeu de forma ríspida, como todos os halflings daquela cidadela fazem quando são questionados sobre o ocorrido.

A verdade é que Ortolíria era um complexo subterrâneo de tocas halflings. Um verdadeiro paraíso **com fauna e flora exuberantes. Riachos e lençóis d'água abastecendo todos os locais, pedras** preciosas e metais raros brotando das rochas no subsolo. O lugar era tão belo que seres de outras raças se mudavam constantemente para lá, entre eles elfos e fadas com maior frequência. Os moradores viviam com fartura de tudo que precisavam e por isso estavam sempre festejando. Mas um dia tudo mudou. Começou com pequenos abalos em locais isolados. Depois vieram os tremores e por fim um grande terremoto que soterrou pelo menos noventa por cento de Ortolíria. O motivo dessa catástrofe é desconhecido. Uns dizem que os halflings festejavam demais e o som de suas músicas acordou criaturas malignas no interior da terra. Outros dizem que foi causas mágicas, que algum mago ou feiticeiro provocou os tremores. E ainda há os otimistas que acreditam nas forças da natureza e que aquilo poderia ter acontecido em qualquer lugar.

As cidades e vilas próximas a Ortolíria prestaram o socorro de imediato, escavando os destroços e resgatando os sobreviventes que estavam mais próximos da superfície. Mas aqueles que estavam em pontos mais profundos daquela cidadela não sobreviveram.

Ainda com esperança, os halflings enviaram mensageiros aos melhores escavadores do mundo, os anões de Duhan-Castil. Porém, a ajuda não veio, ou veio tarde demais.

Cinco anos se passaram. Os halflings sobreviventes reconstruíram Ortolíria sobre os escombros da antiga cidadela, deixando as tocas na superfície dessa vez. Quando tudo parecia correr normal, sons foram ouvidos debaixo da terra e em algumas horas buracos apareceram.

Criaturas totalmente pálidas e com olhos esbranquiçados surgiram caminhando de quatro, como animais. Os halflings que estavam presentes prepararam um ataque e alguns até fugiram de medo. Mas, quando olharam com mais calma perceberam que aquelas criaturas eram seus parentes que estavam soterrados e agora ressurgiram da terra. Um misto de alegria e confusão tomou a todos pois o improvável aconteceu. Tempos depois os sobreviventes contaram sua jornada de cinco anos debaixo da terra, sem iluminação ou mesmo oxigênio suficiente.

Quando despertei do meu devaneio eu pude reparar na pele de Lins e notei que era bem mais pálida que o normal. Embora muitos anos havia se passado desse incidente, os halflings de Ortolíria, por algum motivo, continuaram com essa característica entre outras mais. Mesmo que fiquem no sol por longos períodos, a melanina de sua pele nunca mais teve a mesma intensidade.

- Eu sei que boa parte do seu povo culpa os anões, mas a verdade é que, como bem sabe,

Duhan-Castil fica a mais de vinte dias de Ortolíria. Mesmo cavalgando a toda velocidade, e ainda tem as intempéries do tempo e...

- Não precisamos falar disso! – Ela me interrompeu bruscamente e eu respeitei aquele seu momento.

Nós continuamos caminhando em completo silêncio, que só era quebrado pelos sons de água corrente que vinha de algum lugar que não víamos.

O corredor era extenso e com pouca iluminação, apenas algumas tochas com um fogo minguado. Àquela altura eu já me acostumara com a sensação ruim das paredes e teto que pareciam querer me esmagar. Lins caminhava sempre um ou dois passos a minha frente movendo a cabeça olhando **para o chão, teto e paredes. Como que caçando algo. “Especialista em armadilhas naturais”, é claro.**

- Acho que não vai encontrar armadilhas naturais aqui, se é o que está procurando.

- Como pode saber, também é um especialista?

Notei arrogância e ironia naquela pergunta.

- Não. Mas conheço o local. Muitas pessoas passam aqui todos os dias.

- Aqui em baixo?

- Sim. Essa é uma das entradas da prisão de Duhan-Castil.

- Prisão? Não existe prisão em Duhan-Castil. - Disse Lins.

- Você não poderia estar mais enganada. - Afirmei. - O que não existem são boatos de tal lugar.

- Vocês guardam bandidos junto com ouro? Isso é loucura!

Ela realmente estava espantada com aquela ideia.

- Não, minha cara halfling. A galeria da mina fica do outro lado, como você mesma já notou quando pegamos o caminho para essa direção. Além do mais, lembre-se das três forças que temos aqui. Os organizados Cadetes, o Matriarcado do Martelo com a bravura das anãs e os bárbaros da Confraria do Machado. Embora esses últimos nós não vemos com frequência andando por aí, eles estão na montanha. Duhan-Castil é um dos locais mais protegidos do mundo. Perfeito para uma prisão.

Vejo que Lins fica pensativa, assimilando o que eu acabara de dizer e compreendendo aquela lógica. Mas antes que tivesse tempo para pensar chegamos ao final daquele estreito corredor. Outra porta de ferro estava a nossa frente, mas dessa vez não tinha ninguém de guarda. A halfling olhou para mim com indagação, então tomei a dianteira e bati na porta. Uma pequena janela na altura de minha cabeça se abriu e um par de olhos me analisou.

- Diga seus nomes e o objetivo da vinda.

Disse uma voz rouca e grossa.

- Sou Mòrid, clérigo de Kradór e essa é Lins de Ortolíria.

Afastei-me para que ele visse minha acompanhante. Enquanto isso entreguei pela abertura o pequeno pergaminho.

- Eis nossa autorização de passagem.

Ele pegou e fechou a janelinha bruscamente. Em menos de um minuto ouvimos as travas da

porta se abrindo. Essa parecia ser muito mais pesada que a outra e quando abriu completamente vi o espanto no rosto de Lins pois, diante de nós estava um complexo de celas.

O guarda me entregou o pergaminho e pediu que o seguíssemos.

Sobre nós haviam dezenas de pontes que davam para celas solitárias. A frente tinha pequenas torres com cerca de três a quatro celas, uma em cima da outra e guardas com armaduras negras **circulavam por todo local. “Os carcereiros”, pensei alto.**

Naquelas celas tinham prisioneiros de todas as raças e eles gritaram quando adentramos.

Zombarias e palavras de insulto em meio a idiomas comuns e outros que não conhecia.

Começamos a caminhar por uma viela larga e com celas dos dois lados. Víamos braços pelas barras de ferro como que tentando agarrar coisas no ar. Ao verem que a Lins era do sexo feminino, gritavam palavras repulsivas de assédio. Ato que me deixou nervoso e constrangido ao mesmo tempo.

Em meio a todo aquele alvoroço não pude deixar de notar que alguns prisioneiros estavam quietos e nos olhavam taciturnos.

Lins tentava parecer tranquila, mas não conseguia. A prisão de Duhan-Castil não é lugar para halflings, pelo menos não para visitantes inocentes.

Saímos daquela área mais barulhenta e passamos por celas mais tranquilas onde os prisioneiros estavam mais calmos e não demonstravam tanto interesse em nós.

Sempre que mudávamos de cenário víamos mais carcereiros. Todos os pavilhões estavam muito **bem guardados, afirmando minhas palavras sobre “o lugar mais protegido do mundo”.**

Lins parecia mais calma agora e observava cada detalhe.

Chegamos à uma porta de madeira e o guarda que nos acompanhou até ali parou e disse:

- O diretor aguarda vocês. Entrem.

Empurrei a porta e adentramos a sala. Um anão vestindo armadura prateada estava sentado atrás de uma mesa. Em outro canto da sala, um anão vestindo pouca proteção e com o corpo coberto de cicatrizes estava escorado na parede e com as mãos repousadas sobre o cabo de um machado de lâmina dupla.

- Enfim chegaram. Já estava vendo a hora em que Tarmaruk pegaria aquele machado e destruiria minha mesa de tanta ansiedade. Muito prazer, eu sou o diretor Wallizorn.

Ele estendeu a mão e eu o cumprimentei dizendo meu nome e apresentando Lins.

- Aquele no canto é Tarmaruk da confraria do machado. Ele disse que estava à espera de vocês para a “missão importante”.

“Então ele é o outro reforço”, pensei.

Tarmaruk saiu do seu canto carregando o enorme machado. Quando passou por mim meneou a cabeça em cumprimento, mas foi na direção de Lins que ele caminhou. Chegando até a halfling o anão ajoelhou apoiando-se em sua arma e então disse com uma voz forte.

- Senhorita, quero que aceite as minhas desculpas e as desculpas de todos da minha raça, por não chegarmos a tempo em suas terras e não termos prestado nosso auxílio. Eu mesmo fui um dos designados para socorrer as vítimas de Ortolíria, mas chegamos tarde demais.

Suas palavras eram carregadas de remorso e sinceridade e ele olhava diretamente nos olhos de Lins.

Ele continuou a falar:

- Quando Lurír me convocou para essa missão e disse que uma halfling de Ortolíria estaria presente, não pude deixar de vir e prestar meus serviços. Quero que saiba, senhorita Lins, que lhe entrego minha vida caso seja necessário, para que minhas desculpas sejam aceitas.

Lins o olhava com surpresa e chegou a enrubescer.

- Tudo bem. – Ela disse um pouco sem graça. – Espero que não tenha que morrer para fazer valer suas desculpas. Eu as aceito.

O diretor Wallizorn levantou-se da mesa e sua armadura prateada fez barulho.

-Bem, acho que já fiz minha parte. Recepcionei e reuni vocês. Agora, peço licença pois tenho uma prisão para administrar.

Eu puxei a fila, saindo da sala do diretor e caminhado para as profundezas da prisão. Enquanto andávamos pelas vielas cercada por celas, Tarmaruk se dirigiu a mim.

-Senhor Mòrid, desculpe a indelicadeza por não ter te cumprimentado como se deve. Embora eu seja um bárbaro, não sou mal-educado como muitos generalizam.

Ele estendeu a mão e eu a apertei.

Durante o caminho fui atualizando Tarmaruk sobre o pouco que sabia.

Caminhamos até o limite da prisão que dava para a boca de um túnel rudimentar. Ali dois carcereiros faziam a guarda e dessa vez não nos pediram satisfação sobre nossa passagem. O bárbaro ao meu lado os cumprimentou com um aceno e percebi que já eram conhecidos.

-Vem sempre aqui Tarmaruk? – Perguntei.

- Com certa frequência. Nós da confraria do machado estamos designados a guardar o interior da montanha depois da primeira infestação.

-Primeira infestação? – Lins perguntou, quebrando o silêncio em que estava desde que saímos da sala de Wallizorn.

- Sim. – Respondi. – Essa montanha não foi totalmente tomada pelos anões de Brandór. As criaturas que não morreram foram acudadas para as profundezas. Elas ficaram ali durante anos, aguardando na escuridão. E um certo dia avançaram para os limites do reino e atacou nosso povo. Isso aconteceu por duas vezes. Por isso a Confraria do Machado foi convocada para guardar os cantos mais remotos de Duhan.

Lins escutava com atenção minhas palavras.

- Mas não se preocupe pequena. – Disse Tarmaruk. A região onde ouve as infestações está do outro lado da montanha. Embora desse lado ainda possa haver perigo, meu machado está aqui. – Ele sorriu.

Agora estávamos distantes da prisão de Duhan. Perambulando por cavernas sem nenhum sinal de civilização. Cada um de nós carregava uma tocha e andávamos com cautela.

Lins tomou a dianteira e Tarmaruk logo protestou alegando o perigo. Eu o expliquei sobre as habilidades da halfling e ele ficou contente e surpreso.

-Hã... quer dizer que a pequenina tem seus truques?!

Ela olhou para trás e esboçou um sorriso sem graça.

A halfling caminhava lentamente. Hora em linha reta, hora zigzagueando. Sempre pedia que a seguissemos da mesma forma, imitando os mínimos detalhes de seus passos. Em certo ponto do caminho tivemos que nos arrastar de barriga no chão, mesmo não sendo um local de teto

baixo, por dezenas de metros. Essa última tarefa arrancou alguns palavrões de Tarmaruk, mostrando seu verdadeiro lado bárbaro e deixando sua cortesia para trás.

De repente Lins parou e abriu os braços como que dizendo para pararmos também. Entendemos sua mensagem e ficamos imóveis.

- Não podemos mais seguir pelo chão. – Ela disse séria.

- Como assim? – Perguntei confuso.

- Essas **são “pedras da agonia”**. – Apontou para o chão. – São como areia movediça, só que essas pedras além de engolir elas trituram tudo que cai aí. De uma forma bem lenta e agonizante.

Tarmaruk e eu nos olhamos assustados.

- Pelo visto não conhecem as pedras da agonia, né? – Ela disse aquilo sem olhar para trás, como se tivesse visto nossas faces horrorizadas.

- Como você as reconhece? – Perguntei.

- Pela cor.

Eu olhei para as pedras tentando detectar a diferença, mas era impossível. Como se fosse um calçamento, porém natural e todas as pedras no chão, embora tivessem formas, tamanhos e relevos diferentes, tinham cores iguais.

Antes que eu pudesse dizer isso olhei para Lins e ela estava com os olhos fixos e eles tinham um tom mais brilhante. Era obvio que estava usando algum tipo de poder para enxergar a diferença de cor de tais pedras.

- Nós vamos pelo alto. -Ela falou. Precisaremos de cordas, o máximo que tivermos.

Olhamos para o alto e vimos que tinham muitas estalactites. Gigantes fincos apontados para nós. Nesse momento Tarmaruk soltou mais uma série de palavrões aos berros e o eco vibrou nas paredes. Escutamos um estalo e Lins saltou para trás, quando de repente uma das estalactites despencou lá de cima e caiu no chão. Em questão de segundos, as pedras da agonia começaram a mexer como se estivessem vivas. Elas se moviam como se abrissem uma abertura abaixo do grande finco e começou a tritura-lo. O som de atrito das pedras era aterrorizante e não demorou muito para que não sobrasse nada.

- Me estranha dois anões não conhecerem sobre esse fenômeno. – Disse ela. – Vamos, preciso de suas cordas.

Retirei minha corda da mochila e passei para a halfling. Olhei para Tarmaruk e ele ainda estava pasmo, olhando para o chão que acabara de engolir uma estalactite. Ele não tinha nenhuma mochila e além do seu machado e algumas armas menores eu só via um cantil de pelo menos dois litros preso a sua cintura. Lins também retirou uma corda de sua bolsa e olhou para Tarmaruk, chegando a mesma conclusão que eu.

- É pouca corda. Teremos que nos balançar bem mais que o esperado. Tomara que esses fincos no teto aguarde.

Falando isso a halfling pegou nossas cordas e começou a medi-las e corta-las. Transformou-as em seis pedaços. Depois pediu para que fizéssemos laços em uma das pontas de todos os pedaços. Nós seguimos suas ordens sem questionamento.

Para mim não era estranho seguir ordens, independente de quem as tivesse dado. Como cadete a hierarquia militar já havia me ensinado isso. E como um clérigo aprendemos acima de tudo a humildade. Eu reconhecia a liderança de Lins naquele momento.

Para Tarmaruk talvez fosse estranho. Não era do feitio daquele clã serem tão subjugados. Porém eu sentia que aquele bárbaro realmente se via em dívida com Lins e toda Ortolíria.

Fizemos os laços conforme a halfling nos ordenou. Ela pegou dois pedaços de corda e com maestria laçou ao mesmo tempo duas estalactites, uma à frente da outra. Deu dois puxões para ver se estavam firmes e em seguida, soltou a corda que estava presa mais distante, mantendo a outra em sua mão. Tomou impulso e saltou balançando para frente e para trás movimentando seu corpo a cada balançada para pegar impulso. Quando sentiu confiança, pulou da primeira para a segunda corda. Nós lá debaixo observávamos com admiração.

Na segunda corda Lins aguardou paciente até que ela parasse totalmente e depois, de uma forma acrobática, movimentou seu corpo de forma a enrolar-se pela cintura e em uma das pernas. Eu já tinha visto trapezistas fazendo aquilo com uma fita de tecido em espetáculos circenses de praça.

Depois disso ela soltou as mãos e pediu que jogássemos os outros pedaços de corda para ela. De imediato Tarmaruk os pegou e jogou um a um. Ela agarrou todos e os acomodou em seu corpo, enrolando em seus braços, pescoço e cintura. Deixou uma delas na mão e laçou facilmente uma outra estalactite à frente. Testou se estava firme e logo depois se desenrolou da corda que a mantinha e começou a balançar para frente e para trás até tomar um bom impulso, logo em seguida saltou e se agarrou na terceira corda.

-Venham, um de cada vez.

Agradei por cada minuto de treinamento e experiência que tive como cadete e sem hesitar saltei para a primeira corda, aproveitando o embalo saltei para a segunda.

Vi surpresa nos olhos tanto de Lins quanto de Tarmaruk. Afinal eu estava equipado com uma armadura e mesmo assim, era como se estivesse sem peso algum.

A halfling repetiu o que fez anteriormente até saltar da última corda, caindo em terra firme do outro lado.

Chegou a vez de Tarmaruk e eu podia ver medo em seus olhos. Artes acrobáticas não fazia parte da gama de talentos bárbaros.

Ele saltou e agarrou a primeira corda, tarefa simples. Balançou para pegar impulso e então saltou, se agarrando a segunda corda. Soltei o ar de meus pulmões, sentindo um alívio momentâneo. Tarmaruk também riu aliviado. Apenas Lins permanecia tensa.

Novamente o bárbaro se balançou e saltou para a terceira corda e no momento que a agarrou **ouvimos um “crek”. Tarmaruk caiu.**

Quando seu corpo tocou o chão as pedras da agonia começaram a se revirar e uma abertura se formou e abocanhou as fortes pernas do anão. Quando os primeiros ossos dos pés e canelas foram triturados ele soltou um grito de dor que eu jamais esquecerei.

Meu instinto foi rápido e eu logo quis pisar naquelas pedras e tira-lo de lá. Porém, Lins me segurou.

- Nem se você tivesse a força de mil homens. – Ela disse olhando em meus olhos.

- Ele vai morrer. Não posso ficar parado assistindo! – Respondi, alterando o tom de voz sem perceber.

Tarmaruk continuava aos gritos. Agora seus joelhos haviam sido engolidos pelo chão de pedras movediças.

- Ele precisa sacrificar algo precioso, senão morrerá. – Disse a halfling.

“Claro” – pensei. – “Um sacrifício. Um preço a pagar pela própria vida.”

- Tarmaruk! - Gritei para o bárbaro. – Entregue seu machado.

Ele me olhou parecendo estar mais assustado com o que eu estava propondo do que com a própria situação.

- Jamais! – Respondeu ele. E sua voz era como um urro misturando a negação e a dor que estava sentido.

-É necessário. Precisa sacrificar algo. -Insisti.

Ele segurava seu machado com o braço erguido, como que numa tentativa de deixa-lo a salvo. Com a outra mão ele arrancava de seu corpo pequenos adereços como pulseiras colares e anéis. Mas todos eram recusados pelas pedras.

Quando Tarmaruk já estava enterrado até a cintura notei que Lins virou o rosto para não ver a morte do anão. Mas o que mais me chamou a atenção foi que o bárbaro ainda estava consciente. Se fosse qualquer outro ser naquela situação já teria desmaiado de dor ou desespero.

- Jogue o machado! -Disse num tom de ordem.

Tarmaruk sacou sua adaga e eu pensei “é melhor que essa adaga seja valorosa para você”.

Porém, ao invés de jogar o objeto nas pedras movediças, ele enfiou a lâmina no próprio olho direito e arrancou o globo ocular, jogando-o no chão. Aquela cena nos chocou, principalmente pelo seu grito de dor.

De repente as pedras começaram a se mover no sentido oposto como que “cuspindo” Tarmaruk de volta para a superfície. Suas pernas estavam moídas até a cintura e ele começava a se arrastar em nossa direção usando apenas os braços.

Dei alguns passos com segurança em sua direção e estiquei minha mão para que ele segurasse. Quando segurou comecei a puxa-lo. Mesmo empregando grande força não tive muito sucesso, ele era muito pesado. De repente senti as pequenas mãos de Lins segurando o cabo da adaga e me ajudando a puxar o bárbaro para o nosso lado. Em poucos minutos havíamos resgatado nosso amigo e o escoramos nas paredes rochosas da caverna. Suas pernas e cavidade ocular sangravam muito. Ele morreria se não recebesse os primeiros socorros com eficácia.

Lins parecia ainda estar em choque e permanecia em silêncio. Olhava para mim como que esperando que eu fizesse algo.

Eu podia fazer.

Segurei o símbolo de Kradór que estava preso a um cordão no meu pescoço e o ergui diante do corpo moribundo do anão.

- Um dia todos nós partiremos desse mundo para nos juntar ao grande deus da rocha. Mas seu dia não é hoje, bravo Tarmaruk.

Depois de dizer aquelas palavras ergui minha outra mão na direção das pernas feridas e invoquei a cura através de minha fé.

- Poderoso deus Kradór, cure as feridas desse seu filho nascido da rocha, para que ele possa continuar sua missão nessa terra.

Minhas mãos brilharam num tom azulado e nesse instante o brilho passou para as pernas do bárbaro. A regeneração começou.

No início parecia lenta, mas levou segundos para que a cura fosse completa.

Tanto Tarmaruk quanto Lins estavam espantados com aquela minha manifestação de fé.

- Seu olho eu não posso trazer de volta pois foi um ato de sacrifício. Mas fiz cessar a dor e o sangramento.

Tarmaruk assentiu com a cabeça.

- Seu machado. Por que não o soltou? É apenas uma arma que você pode comprar em qualquer ferraria. Ele vale mais do que seu olho? – Perguntou Lins.

- Sim, pequena. – Disse o bárbaro. – Nós da confraria do machado temos um amor incondicional por nossas armas. Aprendemos desde criança que o machado é nosso melhor amigo e jamais devemos abandoná-lo. Nós o respeitamos tanto quanto um filho respeita o pai ou quanto um clérigo respeita seu deus.

Ele disse a última frase olhando para mim.

Eu conhecia a devoção dos anões da confraria por seus machados e compreendia aquele sentimento.

- Obrigado mestre Mõrid. Te devo uma.

- Agradeça a Kradór. – Respondi.

Depois de recuperados dos acontecimentos continuamos a caminhada. Acendemos nossas tochas e dobramos a cautela. Lins ia sempre na frente detectando armadilhas e nos dando **ordens: “Não pisem ali”, “Venham por aqui”, “Passem abaixados”**.

Nós seguíamos à risca suas instruções.

Tarmaruk voltava aos poucos com seu bom humor. Lins tinha rasgado uma tira de suas vestes e dado ao bárbaro para usar como tapa olho.

- Quando encontrarmos esse tal tomo até eu vou querer ler. E olha que não gosto nem um pouco disso. Mas para essa coisa está escondida aqui em baixo, tem que valer muito a pena.

Lins e eu sorrimos, numa tentativa de animar o anão.

Caminhamos por aproximadamente duas horas e decidimos parar para comer algo. Encontramos **uma gruta com teto alto e uma mina d’água que escorria de uma das paredes**. Sentamos em algumas rochas e tiramos os alimentos das mochilas.

Tarmaruk não trouxera nada além de seu cantil e tivemos que dividir a comida com ele. A halfling não gostou nada da ideia.

Eu abençoei nosso alimento e então almoçamos. Nossas tochas estavam dispostas em três pontos da gruta formando um triângulo. Tínhamos boa iluminação, comida e água. Estávamos confortáveis. Porém, não seguros. Mal acabamos de comer e ouvimos sons estranhos vindo de um túnel a nossa frente. Tarmaruk logo ficou de pé empunhando seu machado. Deu três passos à frente se posicionando entre nós e a entrada. Sua postura de combate era firme e intimidadora. Estávamos diante de um herói, diferente do ser frágil preso nas pedras da agonia que vimos anteriormente.

Olhei para trás e não vi Lins em parte alguma. **“Onde ela se meteu?”**. Mas de repente vi um aceno de mão vindo de um nicho em uma das paredes da gruta. A halfling estava oculta nas sombras, uma verdadeira ladina.

O som era crescente, algo vinha em nossa direção. Saquei minha maça e empunhei meu escudo. O que quer que saísse daquele túnel sentiria a fúria de Kradór.

De repente uma horda de goblins saiu pela abertura e veio em nossa direção. Mas antes que nos

alcançassem, dois virotes passaram à milímetros de nossas cabeças e atingiram duas criaturas da linha de frente inimiga. Tarmaruk e eu nos olhamos assustados e depois olhamos para trás. Pudemos ver um fino sorriso branco de Lins na escuridão da fenda em que estava escondida. Voltamos aos inimigos à frete e eles avançaram alcançando distancia de combate corpo a corpo. Tarmaruk desferiu a primeira machadada de baixo para cima, atingindo o goblin arremessando-o no meio dos outros. Logo depois seu machado desceu atingindo mais um inimigo, depois outro e mais outro.

O bárbaro tinha movimentos rápidos e fortes e aos poucos uma pilha de corpos foi formando ao seu redor.

Uma machadinha foi arremessada em minha direção e parou no meu escudo. Com a arma ainda cravada no metal golpeei o primeiro goblin na minha frente. O impacto foi tão forte que pude ouvir os ossos da criatura partirem. Mais machadinhas vinham e o escudo me protegeu novamente.

Avancei ficando lado a lado com Tarmaruk. A cada golpe que acertávamos Lins também atirava e derrubava inimigos. Ao perceberem nossa competência os goblins começaram a recuar e fugir até não restar nenhum. Vencemos facilmente aquela batalha.

Nos reunimos no centro da gruta. Tarmaruk parecia estar muito feliz por ter combatido. Lins não demonstrou muita emoção e vasculhava os corpos, saqueando pertences e pegando de volta seus virotes que ainda estavam bons.

- Esses goblins eram fracos. – Disse o bárbaro.

-Sim. – Respondi. – Mas são os primeiros inimigos de verdade que enfrentamos. Se o que os boatos dizem for verdade, quanto mais descermos, mais perigoso vai ficar.

- Mestre Lurír disse que você sabia o caminho. – Disse a halfling.

- Na verdade eu conheço as histórias. – Respondi. - Nunca passei da prisão de Duhan.

- E o que as histórias dizem? – Quis saber o bárbaro.

- Vamos andando. – Ordenei. – Lhes conto no caminho.

Contrariando talvez a vontade de meus colegas, eu não contei nada a respeito do que havia lido. Nós caminhamos por horas em total silêncio, ouvindo apenas o som de água que escorria de algum lugar. A temperatura daquele complexo de cavernas foi caindo e pude sentir que já era noite.

Quando passamos por um túnel, Tarmaruk encontrou raízes que pendiam do teto baixo.

- O jantar é por minha conta. – Disse ele com empolgação, enquanto arrancava as raízes do teto. Elas pareciam mandiocas, mas tinham um formato mais arredondado. Esperamos ele colher e depois continuamos em silêncio. Lins como sempre ia a frente verificando o ambiente e quando chegávamos a alguma bifurcação ela parava e me olhava. Eu decidia o caminho e então continuávamos.

Quando paramos novamente já era noite. Encontramos outra gruta como a anterior, mas dessa vez vasculhamos ao redor para garantir que não seríamos surpreendidos.

Tarmaruk recolheu algumas pedras pequenas e galhos secos e acendeu uma fogueira. No interior dela colocou as raízes que havia colhido lá atrás.

Coloquei meu escudo e maça no chão e comecei a tirar minha armadura. Tarmaruk se sentou próximo a fogueira, pegou uma pequena pedra de afiar e começou passa-la calmamente na lâmina de seu machado. Lins não se juntou a nós e disse:

- Tem um pequeno lago em uma gruta aqui ao lado. Vou me lavar. – Logo em seguida saiu.

O fogo projetava luzes e sombras nas paredes e teto do local. O clima agora estava ameno e o ar estava leve, fácil de respirar.

- O que carrega nesse cantil? – Perguntei – Não vi você beber nada dele.

- É Histeria. – Respondeu o bárbaro.

Eu conhecia aquela bebida. Ela é muito usada pelos anões da confraria do machado. Seus efeitos deixam os bárbaros mais letais em combate, porém, com uma forte ressaca quando terminam.

- Você não a usou contra os goblins. – Comentei.

- Não, mestre Mòrid. Não precisamos. Isso é para desafios mais ousados.

- Espero que não precise tirar essa rolha. -Sorri.

- Espero precisar. -Ele respondeu sorrindo de volta.

Quase uma hora depois Lins voltou. Seus cabelos estavam molhados e ela usava uma roupa mais leve.

- A água está ótima. Deviam tomar um banho, posso sentir o cheiro de sangue goblin em vocês de longe.

- É... Você tem razão. Vamos Tarmaruk?

- Ficarei aqui, mestre Mòrid.

Deixei minhas coisas onde estavam e fui somente com as roupas do corpo. Cheguei na gruta e ela estava iluminada por uma tocha que Lins havia deixado. O pequeno lago era redondo, do tamanho de uma banheira. Um vapor subia da superfície da água indicando que estava morna. Tirei minhas roupas e deixei em cima de uma pedra. Tirei também o cordão com o símbolo de Kradór de meu pescoço, deixando-o sobre minhas vestes. Entrei na água e procurei relaxar, com isso caí no sono.

Sonhei que caminhávamos por tuneis cobertos de teias de aranha. No final encontramos um salão com um altar de sacrifício. Vi criaturas com olhos amarelados nos espreitando na escuridão.

Acordei assustado, me debatendo na água. O símbolo de Kradór estava brilhando. Aquele sonho não era natural, era uma visão.

A gruta estava bem mais escura pois a tocha, por algum motivo, havia se apagado. Vesti minhas roupas e voltei para perto dos outros.

- Banho de gato? – Perguntou Lins.

- Como assim?

- Hahaha! Ele é um anão, pequena. Não somos tão adeptos a esses costumes. Isso é coisa de elfos. – Disse Tarmaruk enquanto mexia algo na brasa com a adaga que lhe tirara um olho.

Eu estava confuso. Tinha a sensação de ter apagado por horas. As imagens do sonho também não saíam de minha mente. Precisava me concentrar para não assustar meus amigos.

Sorri e tentei desviar o assunto:

- E o jantar, sai ou não sai?

Tarmaruk revirou mais uma vez as brasas e espetou uma das raízes. Colocou-a em cima de uma pedra ao seu lado. Esperou alguns segundos e a cortou. Por fora ela estava queimada e com uma aparência horrível. Mas por dentro era uma massa branca e macia, parecendo o interior de um pão. O cheiro que vinha da raiz era adocicado e nos encheu de fome.

- Está pronto. – Disse o bárbaro. – Vamos comer.

Como já havíamos vasculhado os arredores e sabíamos que estávamos seguros, resolvemos passar a noite ali. Combinamos o revezamento de turnos e dormimos. Eu não tive sonhos e finalmente consegui descansar.

No dia seguinte quando estávamos de pé, comemos as mesmas raízes de café da manhã. Elas não estavam tão saborosas quando na noite anterior, mas nos satisfiz.

Pegamos nossas coisas e saímos.

Foram dois dias de caminhada, sempre descendo para o interior da montanha. Nossa rotina era sempre a mesma: Parávamos duas vezes para comer, almoço e janta. E revezávamos nas vigílias noturnas.

Lins parecia mais confiante e mais à vontade conosco. Quando parávamos sempre tinha algum assunto para conversarmos. Numa dessas conversas meus amigos me questionaram sobre o objetivo, caminho e as histórias que eu prometera contar. E então lhes contei na noite do terceiro dia, quando estávamos sentados diante da fogueira.

Os livros e histórias que contam como foi a tomada da montanha, muitas vezes estão repletos de **poesia, canções ou outro tipo de recurso para que fiquem “bonitos” aos olhos mundanos.** Os bardos são bons no que fazem.

São poucas as fontes que contam o que realmente aconteceu e eu tive acesso a uma delas. O diário de Jorén.

Jorén foi um clérigo de Kradór que estava na linha de frente, ao lado do rei, durante todos os dias que se seguiram, antes e depois, da tomada de Duhan-Castil.

O clérigo nos conta em suas anotações que, mesmo depois de apaziguado e firmado o reinado de Brandór, o rei em pessoa ainda fazia investidas em segredo nas fendas de Duhan. Ele sabia que o mal ainda estava lá. Obviamente essas incursões eram sigilosas e com um grupo bem selecionado.

Jorén diz que as criaturas maléficas estavam em número muito maior que o exército anão. A batalha poderia durar anos a fio.

Foi quando um dia o rei mudou seu trajeto e veio para essa região onde estamos. Não se sabe se era uma tentativa de despistar os inimigos, pegando-os na retaguarda. Ou se era alguma informação privilegiada que ele tinha, que o levasse para outro ponto estratégico.

Independente dos motivos, Jorén e o resto do grupo o seguiu. No final da jornada eles encontraram um grande salão que tinha uma porta de pedra com o símbolo de uma aranha esculpida. Ali vários seres das trevas estavam de guarda, dentre eles orcs e trolls.

Houve então uma batalha épica entre os anões de Brandór e essas criaturas. O rei saiu vitorioso, mas de seu grupo, somente o clérigo Jorén e um guerreiro da confraria do machado chamado Grim, saíram vivos.

Os três abriram a grande porta, fazendo o símbolo da aranha se dividir em dois. Lá dentro era uma câmara de sacrifício e um grande altar estava disposto.

Atrás do altar um elfo negro com olhos amarelados e cabelos brancos estava de pé segurando um sabre de prata.

Adentraram mais alguns passos. O rei a frente, seguido por Grim e Jorén. Só então puderam ver

mais seis elfos negros. Três de cada lado do primeiro que estava no centro, formando um semicírculo. Ambos estavam bem equipados e armados com sabres de prata.

- Eu sempre soube que poderia confiar nas palavras de um rei. -Disse o elfo a frente.

Jorén e Grim se olharam confusos. Brandór permanecia em silêncio. O elfo continuou:

- A primeira parte do acordo você cumpriu. Sacrificou seus melhores homens na antecâmara. Embora dois tenham sobrado.

Nesse momento Grim sacou seu machado e fitou Brandór.

- Do que ele está falando, majestade? Diga que essa aberração está delirando. – A voz de Grim estava carregada de ódio. O rei então falou:

- Foi preciso, Grim. Eles morreram para salvar o resto do nosso povo.

- Não acredito! – Gritou o guerreiro. – Não acredito que sacrificou seus homens! Eu cresci com aqueles anões, eles eram minha família!

No impulso, Grim avançou na direção de Brandór e nesse momento ele sacou a espada e apontou na direção de seu atacante. A ponta da lâmina parou a centímetros do pescoço do guerreiro.

- Eu ainda sou seu rei! – Disse Brandór com a voz firme e cheia de autoridade. – Abaixei seu machado... AGORA!

Grim recuou e o rei anão voltou-se para o elfo negro, dizendo:

- Quero suas hordas a quilômetros de Duhan-Castil, Telênos. Suas criaturas devem respeitar os limites de meu reino, para todo o sempre.

Mesmo recuando sob as ordens de Brandór, Grim não se conteve no silêncio:

- Está fazendo um acordo com o inimigo? Está fugindo da batalha? – A voz do guerreiro falhava de tanta revolta. Lágrimas escorriam de seus olhos e a última palavra daquela sentença saiu como um grito: - COVARDE!

Jorén olhava tudo aquilo assustado demais para dizer qualquer coisa. Apenas rezava à Kradór.

Brandór lançou um olhar de fúria para Grim.

-É o último aviso, guerreiro. Respeite seu rei!

- Você não é mais meu rei.

Dizendo isso virou as costas e saiu da câmara, passando pelos corpos de seus irmãos no salão de fora.

- Feinzar, vá atrás dele e mate-o. – Disse Telênos á um dos elfos que estava a sua esquerda. – A menos que seu rei diga que não.

Brandór nada disse e então Feinzar partiu em busca de Grim.

Jorén também não acreditava no que via. O rei acabara de se calar diante da ordem de matar mais um de seus homens. O que seria dele então?

O destino de Jorén era ainda pior, na visão dos clérigos. Ele nos relata assim:

- Vamos, Brandór. – Disse Telênos. – Cumpra sua outra parte do acordo.

O rei anão virou-se para Jorén, mas não havia ódio ou autoridade em seu olhar. Havia súplica.

- Jorén, preciso que me de seu livro de orações.

Era como se uma espada atravessasse o coração do clérigo. O livro em questão era conhecido como O Tomo de Kradór, uma coletânea de magias divinas que incluía até uma das mais poderosas, a ressurreição da carne. Uma oração que podia trazer os mortos de volta a vida. O tomo era uma relíquia muito valiosa tanto para o clero seguidor do deus Kradór quanto para Jorén, pois estava em posse da sua família há várias gerações.

Quando ouviu as ordens do rei o clérigo abraçou ainda mais o tomo em suas mãos. Recuou alguns passos até sentir que tinha esbarrado em algo. Olhou para trás assustado e percebeu que era um dos elfos que tinha se movimentado numa velocidade absurda e agora bloqueava a saída da câmara.

- Fugir é inútil, jovem clérigo. – Disse Telênos. – O elfo negro que está entre você e a saída chama-se Merídinus. Ele é o ser mais rápido que já vi correr pela terra, se é que posso dizer que o vi de verdade. Pois os olhos não conseguem acompanhar sua velocidade.

Jorén soltou uma das mãos do livro e pegou sua maça. Afastou-se de lado deixando Brandór e Merídinus em seu campo de visão.

- Não deixarei que toquem nas palavras de Kradór. – Disse ele por fim.

- É uma ordem, Jorén. Entregue o tomo. -Falou o rei anão.

Merídinus ameaçou avançar novamente contra o clérigo, mas Telênos disse:

- Ainda não. Deixe que resolvam entre eles. Pois são da mesma raça.

- Jorén! – Disse o rei dessa vez com autoridade na voz. – Entregue o tomo. – E caminhou em direção ao clérigo.

A vontade de Jorén era fraca e seu respeito por Brandór muito grande. Ele abaixou a cabeça e entregou o tomo ao rei enquanto lágrimas caíam de seus olhos. Ao pegar o livro Brandór tocou forte as mãos de Jorén tentando passar algum conforto ao seu fiel seguidor.

O rei anão levou o tomo de Kradór e o colocou em cima do altar.

- Está selado nosso pacto, Telênos. Que ele dure para sempre.

O elfo negro sorriu maliciosamente.

Brandór virou as costas e saiu. Quando passou por Jorén, colocou a mão no ombro do clérigo e o conduziu para fora.

Ninguém nunca mais ouviu falar daqueles elfos negros nem de Grim e Feinzar.

O destino continuou sendo ruim para Jorén. O choque dos acontecimentos fez com que ele perdesse sua capacidade de fala e com isso, não podia mais fazer orações. O clérigo se exilou nas montanhas geladas do sul, lar de Doukar o dragão gentil. Ele passou os últimos dias de sua vida registrando tudo o que seus olhos viram naquela guerra e nos dias após.

Depois de terminar meu relato percebi que Lins e Tarmaruk estavam com os olhos vidrados em mim. O bárbaro parecia ainda mais incrédulo.

- Não acredito que meu rei fez isso. – Disse ele.

- Com certeza ele teve seus motivos. – Disse a halfling. – Sacrificar alguns por um bem maior.

- Concordo com você, Lins. – Falei. – Eu também me sacrificaria de bom grado pelo meu rei e pelo meu povo. Grim era jovem demais naquela época e com certeza não entendeu.

Então nosso objetivo é chegar até essa câmara e encontrar o tomo? – Perguntou ela. – Com certeza os elfos o levaram se ele era mesmo tão valioso.

- Até onde sabemos, não. – Respondi. – Brandór não era tão ingênuo para confiar nos elfos negros, e contratou espiões para lhe informar das atividades do inimigo.

Quando tomaram posse do tomo eles o usaram para o objetivo principal que era a ressurreição de uma Arak-Tachna muito poderosa chamada Lamorin. Essa criatura é uma das muitas que estão nas fendas de Duhan. Depois disso cada um dos sete elfos queria usar o tomo para propósitos pessoais. Então discórdia surgiu entre eles. Discursões e desavenças se tornaram constantes até que uma guerra interna aconteceu, pois cada um tinha seu próprio clã e seus próprios soldados. Por fim o líder Telênos usando poderosas magias escondeu o livro em algum lugar na câmara e foi morto antes de revelar onde estava.

Depois de procurarem em vão e sem ter muito o que fazer naquele local. Os elfos que sobreviveram partiram para diferentes pontos do mundo.

- E depois que encontrarmos o tomo? Se o encontrarmos. – Perguntou Lins.

Eu me calei diante daquela pergunta pois a verdade era amarga. Foi então que Tarmaruk quebrou o silêncio:

- Vamos leva-lo ao rei pois ele está morrendo e precisará ressuscitar em breve.

Olhamos espantados para o anão.

A halfling pela revelação. Eu por Tarmaruk saber daquele segredo.

Ele continuou a falar:

- Poucos sabem, mas Brandór é um membro da confraria do machado, mesmo que de forma honorária. Ele nutre um grande respeito por nossa facção e visita nossos líderes com frequência. Todos nós sabemos que ele está doente e tem poucos dias de vida.

- Sim. Brandór juntamente com sua rainha Safira são os pilares de nossa raça nesse mundo. Se ele partir seus filhos ainda não estarão prontos para governar. O mal das profundezas tomara novamente a montanha e o mundo. – Disse aquilo olhando para o vazio, tentando imaginar a proporção da catástrofe.

- Não deixarei que isso aconteça. – Falou o bárbaro enquanto se levantava. – Vamos, temos um livro para procurar.

Naquela noite não dormimos. Eu invoquei uma magia divina que descansou nossos corpos e mentes sem que precisássemos fechar os olhos. Caminhamos pela escuridão de tuneis esquecidos pelo tempo que hora ou outra se bifurcavam, subiam e desciam ladeiras íngremes.

Eu sentia que estávamos nos aproximando da câmara onde tudo aconteceu. Talvez mais um dia ou dois de caminhada.

Tarmaruk mostrava-se muito motivado e andava quase lado a lado com a halfling quebrando nosso protocolo de ela ir na frente procurando armadilhas. Um certo momento, quando passávamos por um grande umbral, o bárbaro parou de súbito. Caminhou até a parede do lado esquerdo e ficou olhando as rochas. Logo depois colou o rosto e o ouvido como se quisesse escutar algo dentro da parede.

Lins o olhava confusa, mas eu entendia o que ele queria fazer. Nós anões entendemos a rocha como poucos e somos especialistas em encontrar portas e passagens secretas nesse tipo de

terreno. Mesmo agora afastado eu também podia ver os sinais que ele viu. Ainda com o ouvido na parede Tarmaruk colocou suas fortes mãos na rocha e forçou. Um som de pedras se movendo ecoou pelo local enquanto poeira caía em nossas cabeças. Uma porta se abriu e vimos uma galeria larga e com teto alto.

Adentramos com cuidado, mesmo tento quase certeza que não tinha ninguém ali dentro, afinal não vimos mais tuneis ou portas a não ser a que entramos. A halfling estava à frente como sempre e foi a primeira que notou algo estranho:

- Tem um esqueleto bem ali. – Apontou para o fundo da galeria.

Caminhamos naquela direção e constatamos o que Lins disse.

Escorado em uma grande rocha, quase no fundo da galeria estava um esqueleto. Ele vestia uma armadura destrocada por marcas de combate e do tempo. Vários ossos estavam partidos e com sinais de golpes. No meio de seu crânio uma fenda do tamanho exato da lâmina de um machado. À primeira vista o esqueleto não possuía armas ou objetos pessoais. Na rocha em que ele estava escorado, bem ao lado de sua cabeça havia runas anãs com os dizeres:

“Aqui jaz Feinzar, o elfo negro que ousou desafiar Grim.”

Lins também conseguiu ler o idioma e então disse:

- Acho que isso preenche uma lacuna nos diários de Jorén. Grim matou seu perseguidor e o escondeu aqui numa porta secreta que só os anões encontrariam.

- Pelo visto ele realmente era um bom guerreiro. – Falou Tarmaruk.

A ladina vasculhava o esqueleto para ter certeza que nada ficara para trás e na tentativa de achar o sabre de prata que os elfos negros possuíam segundo Jorén. Mas nada encontrou. Falou ela então para Tarmaruk:

- Pelo visto era um bom saqueador também.

Sem mais nada o que fazer ali, saímos. O bárbaro fechou a porta secreta, selando para sempre a tumba de Feinzar.

Caminhamos até sentir que era noite outra vez e o bárbaro pediu que eu fizesse a magia novamente. Eu neguei explicando que o efeito não seria tão eficaz como da primeira vez e se precisássemos combater poderia ser nosso fim pois o cansaço viria multiplicado.

Começamos a procurar um local para dormir e logo encontramos. Seguimos os mesmos padrões de vigília e alimentação. Nossa ração para viagem havia acabado e nos restou as raízes que Tarmaruk sempre encontrava pelo caminho.

Na manhã seguinte acordamos bem cedo e continuamos o trajeto. Não tivemos mais contratempos e o silêncio reinou mais que em todos outros dias desde que saímos da prisão de Duhan-Castil. No início da noite chegamos à antecâmara onde aconteceu o sacrifício de Brandór. Notei que vapores saíam da boca de meus amigos e minha. Lins se abraçava com frio e quase batia o queixo. Até o bárbaro sentiu incomodo.

- Que frio maldito é esse? – E soltou uma série de palavrões na língua anã.

- Não estamos sentindo apenas frio. – Disse eu. – Estamos sentindo a morte.

Quando olhamos ao redor percebemos que estávamos em um gigantesco cemitério.

Esqueletos de centenas de criaturas jaziam ali, entre eles elfos, anões, orcs e trolls. Muitos deles ainda segurando suas armas. A cena era funesta e eu fiquei imaginando o quão sangrenta foi

aquela batalha.

Começamos a caminhar para o centro da antecâmara.

- Eles não enterraram nem os próprios mortos. – Comentou a halfling.

- Depois que colocaram as mãos no tomo, nada mais importava para ele. – Falei.

- O grupo de Brandór era realmente uma seleção dos melhores. – Disse Tarmaruk. – Conteí apenas quarenta e sete esqueletos de anões.

- Eram cinquenta no total. – Respondi. – Os outros três que faltam é Grim, que foi embora. Jorén e o rei.

- Apenas cinquenta? – Lins perguntou assustada. Mas aqui tem mais de quinhentos inimigos. Isso sem contar os trolls.

Nesse momento ouvimos um som que vinha de uma pilha de ossos e um esqueleto vestindo trapos de armadura se levantou. Começou a dar passos cambaleantes em meio aos outros corpos, vindo em nossa direção.

Tarmaruk tomou a dianteira, virou de lado seu machado de lâmina dupla como se fosse uma raquete e acertou o esqueleto no meio da caixa torácica. Ossos voaram para todas as direções da antecâmara. O anão sorriu e disse:

- Parece que com um olho só fica mais fácil de mirar! Hahahaha!

Logo em seguida outros esqueletos começaram a levantar. Todos com suas armas e armaduras envelhecidas pelo tempo e em segundos estávamos cercados. Lins, sem ter como se esconder antecipadamente, sacou duas adagas que nas mãos da halfling pareciam duas pequenas espadas.

Empunhei meu escudo e minha maça e tomei posição de combate. Nós três demos passos para trás até ficarmos de costas um para os outros e então o inimigo avançou.

Os primeiros vinham de forma aleatória e sem objetivo, como se estivessem sendo empurrados pelos de trás.

Derrubamos facilmente quase cem deles. Porém vieram os mais espertos e nos atacavam de forma mais precisa e estratégica, fazendo ataques a distância com arcos toscos e investidas com lanças. Com isso quebraram nossa formação de defesa nos dividindo.

Pouco a pouco fomos nos distanciando e o inimigo ganhava terreno.

Vi que Lins conseguiu subir em uma coluna que estava quebrada pela metade e atacava os esqueletos lá de cima com sua besta.

Tarmaruk abria caminho com seu machado, golpeando e arremessando os inimigos. Eu desferia golpes de maça enquanto tentava me movimentar afim de nos reagruparmos.

Não sei se era efeito do cansaço, mas os inimigos pareciam se multiplicar a cada golpe e começamos a tomar dano.

Primeiro acharam um ponto fraco no posicionamento de Lins e a atacaram pelas costas. Três virotes atacaram sua retaguarda, dois no dorso e um na coxa. Ela caiu de joelhos, mas não desceu de seu posto.

Por outro lado, o anão bárbaro escorou em uma parede, protegendo suas costas. Porém esqueletos armados com lanças avançaram em sua direção. Sem ter espaço para recuar ou se esquivar ele foi perfurado no ombro esquerdo, abdômen e joelho. Quando caiu, uma leva de inimigos saltou sobre seu corpo. Antes que eu pudesse ver o que aconteceria com ele, senti uma lâmina cortar minha carne na região das costelas. Um golpe atingiu um espaço entre os ligamentos de minha armadura.

Senti uma dor lacerante e no impulso, soltei a maça para apalpar o ferimento. Os inimigos

perceberam esse momento de fraqueza e avançaram sobre mim. No reflexo coloquei meu escudo na frente e senti as pancadas no metal. Cada uma mais forte que a outra me fazendo recuar passo a passo.

Minha frente estava protegida, mas meu flanco não. Um dos esqueletos me atacou pelo lado com uma lança.

Uma dor aguda agora propagava do lado oposto do primeiro ferimento. Perdi a concentração e abaixei a guarda. Múltiplos golpes me atingiram, mas a maioria parava na armadura. Com o escudo baixo pude ver que Lins fora derrubada da coluna e o machado de Tarmaruk estava de posse de um dos esqueletos maiores, mostrando que o bárbaro havia sido derrotado.

Uma onda de raiva e desespero tomou conta do meu corpo. Soltei um grito seguido de um golpe em forma de arco que desferi com o próprio escudo. Inimigos foram ao chão no raio daquele semicírculo a minha frente, era tudo o que precisava.

Largue o escudo no chão e peguei com as duas mãos o símbolo de Kradór que pendia do meu pescoço. Ergui-o no ar e entoiei a oração de expulsar mortos-vivos.

- Poderoso deus da rocha! Seja o senhor a luz pura nessa caverna escura. Por Kradór!

Nesse momento feixes de luz dourada saíram do símbolo em minhas mãos e inundaram toda antecâmara. Alguns deles atingiram os esqueletos e esses transformavam-se em pó na mesma hora.

Os outros fugiram assustados, entrando pelas fendas e buracos na rocha. Em minutos o salão estava vazio, restando apenas meus amigos não chão.

Por mais sérios que fossem os ferimentos de Lins e Tarmaruk, eles não corriam risco de morrer. Coloquei seus corpos deitados lado a lado, encontrei o machado do bárbaro e coloquei junto a ele. Ergui minhas mãos sobre seus corpos e invoquei a magia de cura:

- Poderoso deus Kradór, traga um novo alento a esses bravos guerreiros para que possam continuar essa missão em seu nome.

A luz saiu de minhas mãos e pousou sobre eles. Quando terminei cai e quase desmaiei, pois, curar ferimentos tão profundos e de duas pessoas ao mesmo tempo consumia muita energia. Mesmo assim depois de alguns minutos reuni minhas forças para vasculhar os arredores e garantir que estaríamos seguros. A recuperação de meus amigos seria demorada e eu exausto demais, cai no sono.

Na manhã seguinte acordei com muita dor no corpo. Preocupado demais com meus amigos esqueci de curar meus ferimentos. Minha primeira atitude foi orar à Kradór e encher-me de fé novamente. Curei meus ferimentos e fui conferir a saúde dos dois. Ainda estavam inconscientes, mas tinham boa respiração e a pulsação estava normal. Era uma questão de horas para que acordassem.

Fiz um rápido jejum com as últimas raízes que tínhamos, acendi minha tocha e sai pela galeria. Outras tochas estavam acesas e a iluminação era boa.

Na antecâmara eu sabia que não encontraria nada. Lá era cenário de batalha e apenas restos mortais e de armas jaziam no chão. Ela era um pouco maior que a sala anterior e seu teto era mais alto. Um grande altar ficava no centro ao fundo e nas paredes e nas paredes ao redor havia outros altares menores. Eram mais seis no total, três a direita e três a esquerda. Entre esses altares haviam pequenos nichos com pedaços rudimentares de madeira que formavam prateleiras. Poucos livros estavam nos lugares pois a maioria estava no chão de forma revirada. Na verdade, tudo naquela câmara estava revirado como se um furacão passasse por ali. Eu não sabia por onde começar.

Depois de um tempo pensando resolvi colocar os livros nas prateleiras. Era uma forma de organizar a bagunça e ter por onde andar, pelo menos.

Fiquei surpreso com a quantidade de exemplares raros que estavam ali, principalmente os de conteúdo arcano e divino. A tendência caótica era evidente na maioria, mas encontrei uns poucos de conhecimento benigno. Fiquei imaginando como foram parar ali e logo lembrei de Jorén e do Tomo de Kradór e de como o clérigo fora atraído e subjugado a entregar o livro naquela câmara. Folheei esses livros e encontrei alguns ritos e orações importantes. Guardei-os para mim, não deixaria tais raridades esquecidas naquele local imundo e profano.

Depois de organizar os livros fui procurar nos pequenos altares. Eles eram dedicados a deuses menores e semideuses, todos malignos. Objetos ritualísticos como velas e cálices estavam espalhados por todo lado, mas nada de Tomo.

A procura nos livros e altares durou a metade do dia e meu estomago roncou. Eu sabia que meus amigos também sentiriam fome quando acordassem e resolvi procurar alimento.

Na parede atrás do grande altar encontrei uma pedra móvel que se abria para um extenso corredor. Não era uma passagem secreta, mas sim uma passagem discreta.

Nos primeiros passos eu já percebi que se tratava dos aposentos dos elfos negros. Três portas de cada lado e uma no meio, no fim do corredor. Comecei pela direita e deixei a do meio por último. Vasculhei quarto por quarto e por fim, o provável quarto do líder Telênos.

Obviamente, nada encontrei sobre o Tomo. Mas encontrei alimento, as raízes que Tarmaruk nos apresentou, porém elas estavam velhas e mofadas. Comi algumas com muito esforço e deixei as outras próximas de meus amigos. Seria uma péssima refeição, mas era o que tínhamos.

De volta na câmara eu cheguei à conclusão de que, se o Tomo de Kradór estava ali, ele estava escondido magicamente. Eu não conhecia nenhuma magia divina para localizar coisas então resolvi procurar nos livros que encontrei.

Passei algumas horas folheando atenciosamente cada livro. Foquei apenas nos religiosos, afinal arcanismo não era meu forte. Fiquei impressionado com a quantidade de orações mágicas aqueles elfos tinham em mãos. Encontrei, inclusive, uma de ressurreição como a que eles precisavam e que estava no Tomo de Kradór. Porém essa exigia o sacrifício de quem a conjurasse. Uma vida pela outra, os elfos com certeza não queriam aquilo.

Quando já estava quase desistindo de procurar, finalmente encontrei. Era uma magia divina para encontrar objetos sagrados. Uma magia muito usada porque a maioria das bibliotecas e templos continham inúmeros exemplares e símbolos. Seria um inferno ter que procurar algo de forma natural toda vez que se precisasse. Ela era simples de se realizar, mas somente a fé de um clérigo era capaz de invoca-la. Talvez os sete elfos até a conheciam, mas nenhum deles possuíam tal força abstrata. Pelo menos não a necessária para invocar um item benigno.

Comecei a me preparar, mas antes fui ver meus amigos novamente. Já estava anoitecendo e eles ainda não haviam acordado. Com uma simples magia fiz um diagnóstico preciso da vitalidade dos dois e descobri que acordariam nos próximos minutos. Fiquei feliz com isso pois havia passado um dia inteiro sozinho. Senti falta do humor de Tarmaruk e até do olhar silencioso de Lins.

Voltei para a câmara e iniciei a oração de localização. Ergui meu símbolo sagrado a frente como se estivesse carregando uma lanterna na escuridão e fiquei a observa-lo. Segundo o livro, quando o símbolo brilhasse intensamente é onde estaria o objeto procurado.

Passo a passo, lentamente fui andando pela câmara. O símbolo acendia e depois de alguns passos se apagava, mostrando que eu perdera a direção certa. Então recomeçava o caminho. Foi **uma tarefa cansativa, mas enfim o brilho se intensificou e consegui seguir aquela “trilha oculta”**.

Os últimos passos foram apressados e eles me levavam para a saída da câmara. “será possível que não está aqui dentro?” – Pensei. Mas antes que eu pudesse sair senti a magia que ocultava o tomo de Kradór e ela emanava da porta dupla com a aranha esculpida que estava derrubada no chão.

-É aqui! – Disse gritando, como se alguém pudesse me ouvir. – Está debaixo ou dentro dessa porta!

Eu estava eufórico com a descoberta. A missão estava praticamente cumprida. Coloquei meu símbolo sagrado de volta no pescoço. Analisei a porta no chão até encontrar um espaço para colocar minhas mãos em baixo e a erguer. Quando encontrei forcei meus braços e ela não se moveu. Eram trinta centímetros de espessura de rocha sólida, com uma altura de cinco metros. Seria impossível levanta-la sozinho.

Fazendo o uso de mais uma magia divina invoquei a força do deus da rocha:

- Poderoso Kradór, que sua força seja minha para que eu possa cumprir meus objetivos em seu nome.

Meus braços brilharam e minha força dobrou. O pedaço de pedra começou a ranger, eu estava conseguindo.

De repente a porta ficou mais leve e se levantou sozinha. Um brilho a envolvia provando que ela estava sendo erguida magicamente. Olhei para trás e em cima do altar estava um elfo negro com olhos vermelhos e cabelos totalmente brancos. Em sua cintura um sabre prateado reluzia as tochas que estavam nas paredes. Sua mão direita estava erguida na direção da porta quebrada e ele a controlava à distância. O sangue gelou em minhas veias.

- Obrigado por encontrar o tomo. -Disse o elfo.

- Quem é você?

- Belúr-Baal é como me chamam.

Era um dos sete elfos negros liderados por Telênos.

- Como nos encontrou? – Eu tinha muitas perguntas e não conseguia organiza-las.

- Eu sempre estive aqui. – Respondeu ele. – Meus irmãos são fracos de fé, mas eu não. Sempre acreditei que encontraria o tomo mais cedo ou mais tarde.

Belúr-Baal falava com orgulho na voz.

- Foram anos de procura e de fracasso até que encontrei a magia de localização. Com ela também veio a frustração por não conseguir executa-la.

Então enviei espiões para a parte alta da montanha, para os domínios do orgulhoso Brandór e o envenenei sabendo que a única cura estaria no tomo de seu precioso deus. Foi só esperar para que os sacerdotes enviassem alguém capaz de encontra-lo e aqui está você, Mòrid.

Eu começava a entender o plano do elfo. Ele manipulou tudo todo esse tempo, nos trazendo até aqui.

Senti pequenas pedrinhas caírem em minha cabeça e ombro e quando olhei para cima lá estava a porta. Distraído com as palavras de Belúr-Baal esqueci desse detalhe.

Na fração de segundos em que a mão erguida do elfo desceu, eu saltei para o lado e aquele enorme pedaço de pedra foi ao chão espatifando-se. Um estrondo ecoou por todo o local e uma cortina de poeira me separou do inimigo. Quando a densa nuvem se dissipou eu pude ver, entre os destroços da porta, o tomo de Kradór.

Belúr saltou do altar e veio caminhando:

- Escondido dentro de uma simples porta. Em meio a tantas outras cavernas e galerias, estava

dentro dessa porta. Aos olhos de todos e de ninguém e sempre sob sua vigília. Você era mesmo genial, irmão.

O elfo disse aquilo enquanto andava com tranquilidade na direção do tomo.

Eu me apressei e corri também, porém Belúr, com uma velocidade impressionante, sacou seu sabre da cintura e o arremessou em minha direção atingindo minha coxa direita. Tomado pela dor, fui ao chão. Tentei me levantar, mas o elfo já estava diante de mim. Socou minha face e quando cai para trás, pisou em meu peito retirando bruscamente a lâmina de minha perna.

- Você foi um bom guia, Môrid. Te darei uma morte rápida como pagamento.

Ele segurou o sabre com as duas mãos, tirou o pé do meu peito e mirou meu coração. Antes que eu fosse atingido, virotes acertaram o braço de Belúr, fazendo-o recuar o golpe de misericórdia. Olhei na direção da porta, Lins e Tarmaruk estavam lá.

Eles vieram em meu auxílio. O bárbaro me entregou minha maça e meu escudo que eu havia deixado na antecâmara. Os empunhei e assumi posição de combate. Lins preparou mais virotes em sua besta e Tarmaruk estava com seu poderoso machado de lâmina dupla.

Belúr-Baal nos olhou um pouco intimidado e saltou para trás. O tomo de Kradór estava próximo aos seus pés, mas ele sabia que se abaixasse seria alvejado.

- Tolos! – Esbravejou. – Acham que me impedirão agora que estou tão perto?

Ele levantou a mão direita invocando a mesma magia que usou para levitar a porta, mas dessa vez levitou uma dúzia de pedras menores e destroços que estavam no chão. Quando vi aquilo já sabia sua intenção e saltei adiante erguendo meu escudo:

- Fiquem atrás de mim! -gritei para meus amigos e eles obedeceram rapidamente, enquanto uma rajada de destroços atingia nossa defesa.

Quando o ataque de Belúr-Baal acabou, Tarmaruk saiu de trás e avançou:

- Minha vez! Disse a voz rouca do bárbaro. E iniciou uma corrida colocando seu machado ao lado do corpo. Quando se aproximou do elfo, desferiu um golpe na horizontal na intenção de atingir as pernas do inimigo.

Numa velocidade surpreendente, Belúr-Baal bloqueou o ataque com seu sabre. A força de Tarmaruk era tão intensa que fez os pés do elfo se arrastarem e o som do choque entre as armas ecoou pelas galerias.

O anão não parou por aí e continuou a desferir golpes diferentes no adversário, que se esquivava ou bloqueava com facilidade.

Num momento oportuno Belúr atacou com rapidez, ferindo o peito de Tarmaruk. O anão caiu com a mão no incessante sangramento.

Distraído com o bárbaro, o elfo negro não percebeu que Lins caminhou furtivamente pelas sombras da câmara e agora estava em suas costas. A perita ladina, com suas adagas, atacou cirurgicamente os tendões atrás dos joelhos de Belúr-Baal.

O grande elfo caiu ajoelhado enquanto gritava blasfêmias. Naquela oportuna hora invoquei as forças de Kradór durante minha corrida em direção ao inimigo. O braço que segurava a maça brilhou e eu senti o poder de meu deus dentro de mim. Com um golpe certo no peito do elfo, que ajoelhado estava da minha altura, arremessei-o a metros de distância. Ele caiu em cima do altar fazendo-o em pedaços.

A halfling sorriu, coisa que rara de acontecer e novamente entrou para as sombras, preparando um novo ataque furtivo. Tarmaruk se levantou devagar. Seu ferimento era sério, mas eu não tinha tempo para cura-lo.

O elfo se levantou e concentrou-se nos destroços do altar. Pedacos de mármore levitaram ao redor de Belúr-Baal e ele me fitava. Com um movimento do braço acionou o gatilho da magia e os destroços me alvejaram, não antes de eu colocar o escudo na frente.

- Covarde! – Gritou ele. – Nunca vi um clérigo se esconder trás de um escudo.

- Tenho origens militar. – Respondi tranquilamente enquanto andava em sua direção. Desferi uma sequência de golpes com a maça. Dessa vez não imbui a magia de força, mas Belúr estava mais lento devido os ferimentos atrás dos joelhos. Ele não se esquivava, apenas bloqueava os ataques.

Eu me cansei primeiro que meu adversário e de repente ele me contra-atacou, estocando seu sabre dessa vez na minha coxa esquerda. A dor me fez abaixar a guarda e o elfo preparou o ataque que deceparia minha cabeça. Seria meu fim, mas Lins novamente o atacou pelas costas, dessa vez com disparos de sua besta. Não fora um ataque muito eficiente, mas tirou a atenção de meu inimigo.

Irritado, Belúr-Baal girou o corpo arremessando o sabre na direção da halfling.

-Te peguei, pequenina. – Disse ele com um sorriso malicioso.

E tinha pego.

O grito agudo de Lins ecoou e ela saiu cambaleante das sombras. A lâmina prateada atravessara o pequeno coração da halfling, ceifando sua vida.

A cena parecia ter durado uma eternidade, mas aconteceu em segundos. O corpo de Lins desabou no chão ao mesmo tempo em que Tarmaruk soltou um urro de lamento e ira.

Eu estava em choque e não conseguia me mover. Apenas vi quando o bárbaro pegou o cantil que estava em sua cintura e bebeu do liquido que ali continha. Histeria!

Os olhos do anão brilharam em vermelho vivo e ele deu início a uma corrida em direção ao inimigo. A dor de seu ferimento havia desaparecido ou ele a estava ignorando. Sua velocidade parecia ter dobrado e era estranho ver um anão correndo daquele jeito.

Metros antes de alcançar o alvo ele deu um grande salto e desceu com seu machado, mirando a cabeça de Belúr.

Com muito esforço o elfo se esquivou, já que não tinha mais seu sabre para bloquear. Porém o ataque de Tarmaruk não foi em vão. Ele conseguiu decepar o braço direito de seu inimigo.

A força do ataque foi tamanha que, depois do braço, a lâmina do machado atingiu o chão causando um grande rombo e estrondo.

Belúr-Baal estava assustado e eu também. Já conhecia o efeito da bebida Histeria, mas em Tarmaruk parecia estar ainda mais intenso.

O anão desferiu múltiplos ataques com força e velocidade espantosas. O elfo negro se esquivava como podia, mas logo se viu cansado e alguns golpes o acertaram.

Num poderoso ataque o bárbaro decepou as duas perdas de Belúr e quando ia dar o golpe final eu o impedi, bloqueando seu machado com minha maça.

- Ele matou ela! Esse maldito matou ela! – Gritava ele desesperado.

-Eu sei, meu amigo. – Eu tentava acalmar o anão. – Mas ele precisa falar. Precisa contar seus planos.

Com dificuldade acalmei Tarmaruk e fui interrogar nosso inimigo. Ele estava no chão completamente ensanguentado, o bárbaro não teve piedade nos ataques.

Pisei em cima de um de seus ferimentos e o elfo urrou de dor.

- Fale agora e morra rápido, cria das trevas. Qual sua intenção com o tomo de Kradór?

Belúr riu e o sangue jorrou de sua boca, tingindo seus dentes de vermelho.

- Mesmo que eu diga, clérigo, você não poderá fazer nada.

E gargalhou depois da frase.

- O mal se alastra não só no interior dessa montanha. O mundo está infestado de maldade, de Duhan-Castil a Ortolíria. O que acha que fez desabar os túneis dos irritantes pequeninos?

-Diga que mal é esse? – Eu insisti com autoridade pois sentia que o elfo negro não tinha muito tempo de vida.

- Os grandes vermes comedores de terra. Algo além do poder de seu rei ou de qualquer um da superfície.

- Por que precisava do tomo? Traria esse verme até nós?

- Não seja tolo! – ele disse cuspidando sangue. – Os vermes não diferenciam inimigos de aliados. Eles me devorariam assim que me vissem. O tomo tem poderes para expulsá-los, mas estou certo que nem você é capaz disso. Vocês estão fadados a destruição.

Dizendo isso o elfo negro deu seu último suspiro e morreu.

Olhei em busca de Tarmaruk e ele estava com Lins nos seus braços e em prantos.

- Eu falhei novamente. Falhei com você, pequenina.

A cena emocionava e eu sabia que poderia cessar aquela dor. Aproximei deles e peguei um dos livros que tinha encontrado naquela câmara.

- Não falhou, meu amigo. Você veio conosco e nos ajudou até aqui. Até mesmo vingou a morte de Lins, matando Belúr-Baal. A halfling voltará, pelo poder dos deuses.

Abri o livro na magia de ressurreição. A que troca uma vida pela outra. E comecei a executar aquela oração.

- O que está fazendo, Mòrid? Por que não está fazendo a magia do tomo de Kradór?

- Ela está além de minha capacidade. Mas a desse livro eu consigo fazer. Escute, Tarmaruk. Preciso que leve o tomo ao sacerdote Lurír. Diga a ele tudo que ouvi aqui em baixo e sobre os vermes também.

- O que pensa que está fazendo? Por que você mesmo não o leva?

- Irei me sacrificar e trarei Lins de volta. É um bom preço a pagar por não termos chegado a tempo de salvar aqueles de sua raça em sua terra natal.

- Não faça isso! - O bárbaro pediu desesperado.

Mas já era tarde. Com a palma da minha mão, toquei o ferimento da halfling e meu corpo começou a se desfazer transformando-se em luz.

Foi quando vi Tarmaruk avançar em minha direção. Ele me empurrou e tomou meu lugar, colocando sua mão sobre o ferimento de Lins.

- Não falharei com ela novamente. – Ele disse orgulhoso. – Não falharei com mais ninguém.

-Não! – eu gritei. Não faça isso!

Me levantei com dificuldade e tentei tira-lo dali, assim como ele fez comigo. Porém, seu corpo tornou-se pura luz. Ele era um espirito agora e um fio prateado o ligava ao corpo da ladina. Ela puxou o ar com força, demonstrando que estava viva.

O espirito de Tarmaruk sorriu e esse foi a última vez que vi aquele bravo herói antes que desaparecesse completamente sentido sua dívida paga para com a halfling e toda Ortolíria.

Seis meses depois...

Criptas dos heróis, Duhan-Castil.

Diante do simbólico tumulo de Tarmaruk, nas criptas de Duhan eu faço minhas confissões em silêncio. O lugar é calmo embora sempre visitado por parentes dos finados ou mesmo turistas. O machado de lâmina dupla do bárbaro anão jazia ali, refletindo a luz de velas espalhados pela cripta.

Eu ainda tenho pesadelos com as últimas palavras de Belúr-Baal. Um grande mal caminhando sob nossos pés é algo por demais assustador.

Nosso rei estava livre do perigo de morte, graças ao nosso sucesso por achar o tomo de Kradór. Isso me deixa um pouco mais tranquilo, pois sob a liderança de Brandór eu iria a qualquer lugar, tendo vermes malditos ou não.

Nesses seis meses, Lins veio visitar o tumulo de Tarmaruk duas vezes. Mas me disse que sumiria por um tempo maior. Iria procurar pela cidade de Galton, uma cidade de ladrões. Queria se especializar mais na arte da ladinagem. Aquilo não me deixou satisfeito, mas aprendi a não julgar o caminho dos outros.

Despedir-me mentalmente do anão prometendo voltar em alguns dias e caminhei para a galeria Adega. Uma boa cerveja ia cair bem naquele dia de saudade.

Fim.

Epilogo

Tarmaruk acordou numa poça de água fétida. O local era escuro e o ar estava pesado. “Devo estar em um esgoto”, pensou. Ele não se lembrava de muita coisa, apenas que derrubara Mòrid e entrada no lugar dele, dando sua vida pela da halfling, Lins. Ele estava orgulhoso com o que fizera. Mas agora, queria saber onde estava.

Escutou vozes e viu um grupo de garotos correndo atrás de uma grande ratazana. Eles gritavam eufóricos: “Pega! Pega! Não deixem o almoço escapar!”. Quando passaram perto ele chamou por um dos garotos que estava um pouco mais atrás e parecia cansado:

- Ei garoto. Que lugar é esse? Onde estou?

Confuso, o menino achou que era brincadeira aquela pergunta. Ou que aquele anão com um tapa-olho estava bêbado demais para se lembrar onde estava. Sem querer e nem poder perder tempo, respondeu enquanto continuava correndo atrás de seus amigos:

- Esgotos do Bairro Esquecido, em Noirah.

E sumiu entre os corredores da galeria.